

Identidade Psicossocial dos Adolescentes no Regime de Internato na Educação Agrícola

Alessandra Xavier Morais^I

Sílvio José Benelli^{II}

Rosa Cristina Monteiro^{III}

Universidade Del Salvador

Universidade Estadual Paulista

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo é o resultado de uma pesquisa de mestrado onde procuramos estudar e compreender a identidade psicossocial dos adolescentes submetidos ao regime de internato. Discutimos o tema do colégio interno na literatura além de apontamentos sobre adolescência em diversas abordagens psicológicas. As estratégias de investigação foram entrevistas, relatos e grupo focal. Concluímos que, mesmo com as dificuldades os alunos acreditam que o futuro promissor só pode ser alcançado através de uma formação técnica, o que lhes possibilitaria não só adquirirem um saber, mas também como forma de terem acesso a um trabalho de melhor remuneração. Um melhor entendimento da realidade circundante permite que possamos subsidiar diferentes profissionais de instituições que também adotam o internato como opção de permanência.

Palavras-chave: Internato Escolar; educação agrícola; identidade psicossocial.

Psychosocial Identity of the adolescents in boarding school system in the agricultural education

Abstract: *This article is the result of a research where we try to study and to understand the psychosocial identity of adolescents undergoing boarding. We discussed the issue of boarding school in literature and notes about adolescence in various psychological approaches. Research strategies were*

^I Doutoranda em Psicologia pela Usal - Buenos Aires, Mestre em Educação pela UFRRJ e Psicóloga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia De Pernambuco - Campus Vitória de Santo Antão.

^{II} Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e Professor Assistente Doutor da Faculdade de Ciências e Letras Unesp/SP.

^{III} Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

interviews, and focus group reports. We conclude that, even with the difficulties students believe that the promising future can only be achieved through technical training, which would enable them not only to acquire a knowledge, but also as a way to gain access to a better-paying job. A better understanding of the surrounding reality allows us to subsidize various professional institutions also adopt boarding as an option to stay.

Keywords: *School boarding; agricultural education; psychosocial identity.*

O internato agrícola

O ingresso do adolescente em um internato, principalmente quando este tem um perfil como os dos *campi* agrícolas, se reveste de especial peculiaridade. Oriundos de zona rural e filhos de agricultores, esses adolescentes vivenciam aspectos intensos em sua nova dinâmica de vida num internato, situação permeada por instabilidades. Existe um universo de conhecimento retratando que a condição de um sujeito que vive como interno em uma instituição escolar deve ser considerada em si mesma como um aspecto relevante. A mudança de vida ocasionada por este ingresso acarreta uma série de expectativas, atitudes e sentimentos diante da sua instável e provisória situação. Entende-se por mudança de vida aqueles fatos ou demandas intensas que ocorrem na vida do sujeito, obrigando-o a gerar recursos específicos de enfrentamento a essas inesperadas mudanças. O conceito de internato variou no decorrer do tempo, podendo ser definido hoje como um lugar de encontro de indivíduos com algum objetivo-fim, deparando-se cotidianamente com normas, confrontos, conflitos e laços afetivos. Esse regime é adotado em inúmeras instituições espalhadas pelo Brasil, servindo para vários fins, ora para a função educacional, ora para o acolhimento social, ora para a função eclesial, atendendo aos mais variados públicos, como por exemplo, alunos, órfãos (crianças e adolescentes abandonados de fato), desvalidos, religiosos, vítimas de álcool e drogas, entre outros.

O tema do internato na literatura

O tema internato é algo de tão relevante e inspirador que vários autores da literatura enquanto arte, debruçaram-se sobre o tema, buscando desvendá-lo, misturando realidade e ficção com maestria. Literatura e internato se uniram numa relação tal que valores e sentimentos vieram à tona em expressões poéticas que revelam de forma emblemática toda a subjetividade envolvida no internato. “O tempo da adolescência colegial é por certo um dos grandes dramas da formação do indivíduo e isso atrai os romancistas”, observa Mário de Andrade em seu ensaio de 1941 sobre O Ateneu.

Na construção da pesquisa sentimo-nos atrelados à riqueza dos discursos de paixão e ódio dos narradores literários. Estes, por sua vez, escrevendo em primeira pessoa, apresentam-nos um mundo que conheceram em plena adolescência: o internato. As histórias ganham maior veracidade na medida em que as narrativas são carregadas de sentimentos e emoções, conferindo o caráter de concretude ao pulsar dos

acontecimentos. Assim, com o intuito de nos apropriarmos dessas literaturas, procuramos, resumidamente, sistematizá-las, mesmo tendo a convicção de não estarmos a contemplar integralmente o universo das obras que trazem como pano de fundo o internato. Limitamo-nos a ressaltar passagens que nos fazem conhecer a subjetividade sob a ótica daqueles que vivenciaram essa nostálgica e emblemática experiência. O primeiro livro da nossa revisão é o “O Ateneu” de Raul Pompéia (1991), romance trazido ao sabor de dois acontecimentos que engajavam o autor à abolição da escravatura e à proclamação da República, marcando para sempre a literatura brasileira. Nessa obra, Raul Pompéia retrata uma auto-libertação pelo ato de confessar acontecimentos vividos. Sua história indica sentimentos extremos de amor e ódio em que o narrador em primeira pessoa, Sérgio, absoluto na narração, apresenta-nos o mundo que conheceu aos onze anos de idade: o internato. O livro apropria-nos de narrativas com penetrante argúcia psicológica como expressada na fala “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*. Coragem para a luta”. (Pompéia, 1991, p.13). Em “Menino de Engenho”, de José Lins do Rêgo (2006), o romance se apoia na cultura brasileira, em que o cenário é o engenho de açúcar no interior paraibano. A obra é narrada também em primeira pessoa, no qual o tempo transcorre cronologicamente, tendo Carlinhos como narrador. Na convivência dos personagens, Carlinhos experimenta as sensações das relações sadias e construtivas e também aquelas que influenciam a construção de uma conduta considerada inadequada para os padrões sociais e morais da época. É nesse universo que vivencia precocemente sua sexualidade exacerbada, onde as masturbações precoces eram inevitáveis e o sexo tomado em sua intensidade. Assim, libertino e depravado, objetivando resgatá-lo das influências do mundo mundano, ele é mandado para um colégio interno: “Em junho iria para o colégio. Estava marcado o dia de minha partida. - Lá ele endireita... - Colégio amansa menino!” (Rego, 2006, p.145-146). E ainda: “Agora o colégio iria consertar o dismantelo desta alma descida demais para a terra. Iriam podar os galhos de uma árvore, para que os seus brotos crescessem para cima. - Quanto voltar do colégio, vem outro, nem parece o mesmo.” (Rêgo, 2006, p.147).

Em “A Selva” de Itamar de Abreu Vasconcelos (1980), um livro que é fruto de ficção e memórias, o autor revela o período em que viveu em um internato recifense na década de trinta, reunindo lembranças dos colegas e amigos em fatos pitorescos, típicos da convivência juvenil. O livro revela uma compreensão aguda dos sentimentos do universo do internato, proporcionando um passeio pela psicologia da adolescência. “Doidinho” de José Lins do Rêgo (1965) é uma continuidade de “*Menino de Engenho*”, relatado agora no mundo do internato em Itabaiana, cidade situada no interior da Paraíba. Carlos de Melo, figura central, expressa as experiências dessa sua nova fase de vida. Apesar de seu precoce amadurecimento sexual adquirido na vivência como outrora menino de engenho, aquele mundo lhe reservava acontecimentos até então desconhecidos, os quais, à medida que se desenrolavam, iam lhe proporcionando gradativamente o amadurecimento psicológico. “O Jovem Törless” de Robert Musil (1986) citado por Benelli (2002) traz uma profunda abordagem sobre o contexto da violência no ambiente do internato. Em análise do artigo de Benelli (2002), o autor revela: “Trata-se de um romance ambientado numa sociedade extremamente autoritária, que narra o desenvolvimento de um adolescente no contexto institucional de um internato escolar, cujos conflitos são urdidos no seio de complexas relações institucionais” (p.20).

Percebemos em pequenos fragmentos de relatos literários, aventuras, submissão, violência, atitudes, ideias e conduta, evidenciando um quadro de intensas emoções que decerto ajudou a florescer a imaginação do leitor na busca de traduzir os sentimentos íntimos de quem vive no mundo do internato. Além disso, a compreensão advinda dessa “imaginação” certamente ajudará num entendimento mais aprofundado do universo de um colégio interno, considerando que as experiências vivenciadas hoje por milhares de jovens e adolescentes, nesse ambiente, são apenas um prolongamento, ressalvadas as características contextuais atualizadas, do que se tinha no passado.

O período da adolescência

A adolescência é, por si só, um tema delicado e que vem sendo objeto de estudos sistemáticos desde o século XVIII. Entretanto, o período denominado adolescência recebeu maior atenção na segunda metade do século XIX e no decorrer do século XX. Derivada do verbo latino “adolescere”, significando “crescer” ou “crescer com maturidade”, atesta a condição ou o processo de crescimento do indivíduo (“ad” = “em direção a” + “olescer” = “desenvolver/tornar-se jovem, autônomo”), como afirma a própria origem etimológica. A adolescência vem sendo objeto de estudos desde a Antiguidade, quando Platão citava os jovens como apaixonados e emotivos em seus Decálogos. Já Aristóteles se referia ao período de 14 a 21 anos como o estado mais alto da alma. Na Idade Média, não existia diferença entre crianças e jovens. “Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância” (Ariès, 2006, p. 10). Na segunda metade do século XIX e no decorrer do século XX, períodos em que ocorrem processos de urbanização e industrialização, surgiu uma extensa literatura em torno do tema com o propósito de fornecer teorias para explicar o fenômeno da adolescência. Rousseau (2004), por exemplo, considera a adolescência como um período de modificações em que um novo nascimento remete o sujeito a um processo de aprendizagem em direção à autonomia da vida adulta.

Stanley Hall (1904/1981) citado por Muss (1971) foi o pioneiro na introdução da adolescência como objeto de estudo da Psicologia, tendo seu primeiro amplo trabalho publicado em 1904, em dois volumes clássicos, no qual a adolescência é concebida como uma fase da vida do indivíduo identificada e marcada por tormentos. Nas inúmeras construções teóricas que envolvem o tema encontramos concepções correntes que divergem quanto à visão da adolescência, concebendo-a ora como natural, isto é, alicerçada numa concepção de base liberal (Erickson, 1976; Melucci, 1977; Knobel, 1981), ora como sócio histórica (Luz, 1993; Abramo, 1994; Bock, 2007), isto é, concebida a partir da sua relação com a cultura e a interação social. Há também diversas perspectivas psicanalíticas, como Calligaris (2000), Monteiro (1999), Domingos e Alvarenga (1991), dentre outros.

Estudos de Vygotsky (1994) abordam a dimensão social no desenvolvimento humano, adotando como pressuposto básico a concepção de que o sujeito constitui-se enquanto tal na relação social estabelecida com o outro, ou seja, na troca com outros indivíduos e também consigo próprio, internalizando conceitos, conhecimentos e papéis sociais ao longo do seu desenvolvimento. Para Leontiev (1978), um dos colaboradores da escola de Vygotsky, o sujeito é constituído através da apropriação de conhecimentos criados pelas gerações que o precederam e não há características humanas específicas transmitidas hereditariamente, mas sim adquiridas na dimensão social. Entendemos a

adolescência fundamentalmente como uma construção sócio histórica, pois acreditamos que é através do meio social e das relações sociais constituídas que reconhecemos os fenômenos psicossociais que envolvem o processo de adolescer. Todos esses conceitos de adolescência aqui expostos são considerados neste estudo, pois se revelam fundamentais para desvendar sua gênese, tendo como palco o universo do adolescente que vivencia a inolvidável experiência do internato escolar.

O internato em uma perspectiva institucional

O internato, ou mais precisamente um colégio que tem o internato como opção de permanência, adota o conceito de um estabelecimento em que os alunos vivem com seus pares em alojamentos destinados à moradia, possibilitando ao público de internos o direito de permanecer residente na escola. O regime de internato pode ser ofertado apenas durante os dias úteis - de segunda a sexta-feira, como é o caso do nosso campo de estudo, ou de permanência, ou seja, inclusive nos finais de semanas e feriados. A visão antiga que se propagou até a contemporaneidade é a de que o conceito de internato está diretamente relacionado a uma conotação negativa, vinculada ao símbolo de punição e castigo, para onde os pais encaminhavam seus filhos rebeldes. Para um melhor entendimento, recorreremos a Ariès (2006), que revela características do internato nos séculos XV a XVIII. Segundo o autor, os alunos “jovens ou velhos” eram abandonados a si mesmos: “Alguns, muito raro, viviam com os pais. Outros viviam em regime de pensão, quer na casa do próprio mestre, quer na casa de um padre ou cônego, segundo as condições fixadas por um contrato semelhante ao contrato de aprendizagem. (...). Essa era a única forma de internato conhecida”. (p.109)

O internato assume um papel de enclausuramento e controle total, sendo visto no século XIX como um lugar ideal que oferece disciplina e educação:

Os mestres tenderam a submeter o aluno a um controle cada vez mais estrito, no qual as famílias, a partir do fim do século XVII, cada vez mais passaram a ver as melhores condições de uma educação séria. Chegou-se a aumentar os efetivos outrora excepcionais dos internos, e a instituição ideal do século XIX seria o internato. (Ariès, 2006, p.127).

Mais adiante, em sua obra, o mesmo autor afirma que “a escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato” (Ariès, 2006, p.195).

Foucault (2009) afirma que a educação moderna é geradora de ações de vigilância, pois ao analisar a relação de poder em uma sociedade disciplinar revela-nos elementos intrínsecos constituídos nesta relação, apontando manipulações conscientes em favor de uma vontade dominante. Ele aponta ainda que o poder disciplinar tem como função maior o “adestramento”, seja do corpo e/ou da mente.

“Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (Foucault 2009, p. 164).

Este quando tratava sobre a arte das distribuições em sua obra, aponta que a disciplina procede à distribuição dos sujeitos no espaço e para isso, utilizava diversas técnicas. Ao referir-se aos colégios, aponta: “o modelo do convento se impõe pouco a pouco; o internato aparece como o regime de educação, se não o mais frequente, pelo menos o mais perfeito” (Foucault, 2009, p. 137).

Com o intuito de compreender o conceito de internato, faz-se necessário entender também o conceito de instituição total, segundo a ótica de Goffman (1987, p. 22) “a instituição total é um híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal . . . ; são estufas para mudar pessoas; cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu”; E ainda: “trata-se de um local de residência e trabalho, onde um grande número de indivíduos em situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por um considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada” (p. 11). Goffman (1987) traz em seus escritos sobre as instituições totais uma observação pormenorizada das interações no mundo do internato. Ele revela detalhes de ações cotidianas politizadas sob a ótica dos internos, geradoras de controle e produção de subjetividade na esfera institucional.

Benelli (2002) expõe o modo de funcionamento das instituições totais, retratando seus efeitos na produção da subjetividade dos inseridos no contexto de um internato. Para ele, essas instituições, considerando o colégio interno “. . . continuam sendo utilizados como agências produtoras de subjetividade, modelando-a de acordo com o contexto institucional ao promover relações peculiares entre dirigentes e internados no conjunto de práticas institucionais” (Benelli, 2002, p. 19). Subsidiado nos escritos de Goffman e Foucault, Benelli (2004) analisa a produção de subjetividade promovida pelas instituições totais ainda no contemporâneo. Ele considera a perspectiva da subjetivação não como algo estático e natural, mas algo que se constitui em processos, dentro de um plano micropolítico e microfísico das relações entre os planos instituídos e instituintes no contexto do internato escolar. (Benelli, 2004, p.137). Para ele, as instituições totais descritas por Goffman ainda não desapareceram na contemporânea sociedade, fazendo referência a esses lugares como sendo “espécimes ultrapassadas”. Afirma que não se pode pensar em analisar o espaço do internato escolar descolado de uma relação de poder institucionalizante, pois este espaço é gerador de algo muito mais profundo, funcionando em torno de dois elementos essenciais: o aparelho (constituído pelo próprio estabelecimento) e suas regras explícitas e implícitas. Para Benelli (2003), “a lógica da instituição totalitária despoja o indivíduo de sua autonomia, responsabilidade, capacidade de reflexão crítica, procurando transformá-lo em massa dócil, modelável, obediente e submissa”. (Benelli, 2003, p.165)

O internato, enquanto instituição total e disciplinar é constituído, segundo Benelli (2006), por outros tantos operadores: a técnica do enclaustramento (ingresso do indivíduo num espaço institucional de controle, visibilidade e observação de sua conduta externa); a tutela econômica (com a exclusão do indivíduo do mundo do trabalho assalariado); o regime de internato (microcosmo particular, de características nitidamente totalitárias (Goffman, 1987), no qual se estabelecem mecanismos de controle sobre a organização dos indivíduos no espaço institucional, além do controle da informação); o panoptismo (Foucault, 1982, 1984, 2009), que se instala com suas estratégias de vigilância hierárquica, sanção normalizadora e técnicas de exame variadas (mecanismos de controle institucional que produzem comportamento adequado, medo, apatia e resignação). Entendemos que essas produções científicas e conceituais em torno

do tema internato são relevantes por si mesmas, pois nos permitem uma compreensão dos diversos elementos intrínsecos envolvidos na experiência de vida no internato, possibilitando o mapeamento de vicissitudes em seu sentido maior e revelando nuances antes não percebidas.

O internato masculino no Campus Vitória de Santo Antão

Por se tratar de pesquisa com seres humanos a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFPE, registro CEP/CCS/UFPE N° 004/10 sob o Of. n° 024/2010 – CEP/CCS, estando liberada para o início da coleta de dados em 03.02.2010 contemplado assim os preceitos éticos, conforme resolução n° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Para extraímos os pormenores do contexto institucional, procedemos a entrevistas com informantes importantes, bem como lançamos mão da observação do ambiente da Instituição que nos proporciona as atividades profissionais no estabelecimento educativo em regime de internato. Todas essas estratégias serviram para a elaboração de uma descrição e caracterização da instituição.

O *Campus* Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco está situado na Zona Rural da Cidade de Vitória de Santo Antão. Localizado na mesorregião mata-centro, no Estado de Pernambuco, distante 1,4 km da BR 232, principal rodovia do Estado, ocupa uma área de 124 hectares, tendo inclusive uma área de reserva de mata atlântica. Adotando um perfil agrícola, promove a inclusão do homem do campo no processo de educação profissionalizante, além de ser uma das Instituições de referência no âmbito estadual. Abrange, além da cidade de Vitória de Santo Antão, diversas cidades circunvizinhas onde colabora para o desenvolvimento econômico e social da região através da qualificação profissional. O *Campus* oferta 180 vagas de internato, sendo 160 vagas masculinas distribuídas nos blocos de apartamentos dentro do *Campus* e 20 vagas localizadas em um espaço fora dos muros institucionais, sendo 10 vagas para o internato masculino e 10 vagas para o internato feminino. Salienta-se que, para este último, o critério para o ingresso é a aluna ter idade mínima de 18 anos. O Instituto oferece para ingresso escolar três opções de regime: o internato, no qual o discente fica na Instituição durante toda a semana (de segunda à sexta-feira), voltando para casa no final de semana; o semi-internato, que permite ao aluno almoçar na escola, voltando para casa no final do dia; e o regime de externato, permitindo que o aluno saia da Instituição para almoçar, retornar no turno da tarde para estudar e voltar para sua residência no final da tarde. Muitos desses jovens pleiteiam o regime de internato. Observa-se, nesse modelo, uma política de inclusão, pois se criam mecanismos institucionais que objetivam a inserção de sujeitos ligados a movimentos do campo, ofertando-lhes uma formação profissional alicerçada numa formação crítico-reflexiva, permitindo que este jovem saia da ingenuidade e desenvolva a criticidade que, como afirma Freire (2008), ‘é como nota fundamental de mentalidade democrática’ sobre sua posição no mundo, sobre seu futuro trabalho e, sobretudo, do seu poder de transformar sonho em realidade.

Aí é que a posição anterior de autodesvalia, de inferioridade, característica da alienação, que amortece o ânimo criador dessas sociedades e as impulsiona sempre às imitações, começa a ser substituída por outra, de autoconfiança . . . Por isso, à desesperança e o pessimismo anteriores, em torno de seu presente e de seu futuro, como também aquele otimismo ingênuo, se substituem por otimismo crítico. Por esperança, repita-se. (Freire, 2008, p. 62)

O acesso ao “saber formal” possibilita que este jovem possa multiplicar o conhecimento em sua região, objetivando a valorização e permanência no campo, transformando não só o meio em que vive, mas também a sua região.

O mundo discente no internato

Após a notícia de ingresso no regime de internato, esses adolescentes (futuros internos), dentro de uma faixa etária de 14 a 16 anos, recebem no ato da matrícula uma lista com o “enxoval” e um número que deverá acompanhá-los durante todo o período de permanência nesse regime. Orienta-se que gravem esse número em todos os seus pertences que compõe o enxoval a fim de facilitar a identificação e dificultar o furto, algo muito comum em locais nos quais transitam muitos indivíduos. Esse número identifica-os nas escalas de trabalho, nas notas de ocorrências e no acesso ao refeitório. Essa substituição do nome pelo número adota um caráter funcional, ou seja, a fácil identificação dos internos. Em se tratando do enxoval, os internos, recebem gratuitamente colchão, fardamento (blusa) e livros, devendo trazer apenas roupas de cama, material de higiene pessoal, vestuário e sapatos.

Goffman (1987), em seus estudos sobre o mundo social do internato em 1955, já apontava a postura que as “instituições totais” adotam em suas recentes admissões:

“Obter uma história de vida, tirar fotografias, pesar, tirar impressões digitais, atribuir números, procurar e enumerar bens pessoais para que sejam guardados, despir, dar banho, desinfetar, cortar os cabelos, distribuir roupas da instituição, dar instruções quanto às regras, designar um local para o internato.” (Goffman, 1987, p. 25-26).

Em seu primeiro dia de aula, os jovens internos chegam à Escola acompanhados dos seus familiares e são conduzidos para seus alojamentos – a separação dos alunos para os quartos acontece de forma homogênea por faixa etária, porém prevalece a heterogeneidade quanto ao local de origem, facilitando assim a interação com sujeitos das mais diversas cidades – quando encontram-se com seus novos e futuros colegas de quarto. Esse é um momento de grande expectativa, pois a maioria não se conhece e a receptividade ou rejeição nessa ocasião são variáveis possíveis nesse encontro com “desconhecidos”. A rotina desses alunos se dá de forma organizada, de segunda-feira à sexta-feira. Cada alojamento tem uma escala de serviço de limpeza, que inicialmente a Coordenação de Apoio ao Educando (CGAE) elabora. Porém, com o passar do tempo, eles (alunos internos) alteram de acordo com a afinidade das relações e vínculos constituídos, devendo cumprir a limpeza dos apartamentos diariamente. Por volta das 5h são despertados, pois no Refeitório o café da manhã é servido das 5h45 até as 6h30. Iniciasse às 7h a jornada de aulas, em que algumas turmas estudam o ensino médio, outras seguem para as aulas do ensino profissional em salas no campo (antigas Unidades de Produção - UEP's) até às 11h. No horário do almoço (das 11h às 12h45) prevalece uma escala de acesso ao Refeitório, onde as séries são distribuídas em diferentes horários, enquadrando não só os alunos dos outros regimes, mas também os internos. Nesse intervalo do almoço, os internos transitam tranquilamente em seus alojamentos, tomam banho, descansam e se organizam para o turno da tarde. Às 13h dá-se início novamente às aulas, que se estendem até às 17h. Inicia-se a terceira refeição às 17h30 (jantar) para aqueles que estão no regime de internato, estendendo-se até às 18h. Com os alojamentos disponíveis os alunos internos ficam livres para estudarem, descansarem, participarem das atividades de academia, frequentarem a sala de jogos,

assistirem TV no pátio da cantina da escola, jogarem futebol na quadra de areia, ir à Biblioteca (que está disponível até às 21h) em suma, fiquem à vontade. Às 20h é servido um lanche. Por fim, no horário das 22h é feita uma chamada nominal pelo “vigilante” plantonista e todos são orientados a desligar a luz do apartamento e dormirem. Durante toda a semana é disponibilizado um “corpo de pessoal” composto por um vigilante e um motorista, que pernoitam nos alojamentos (no espaço destinado à sala de estudo) para garantir a segurança e assistência discente em casos de infortúnios. Munido de um livro destinado a ocorrências, o vigilante registra todas as ocorrências relevantes da noite, desde o relato de comportamento indisciplinado de algum interno, a acontecimentos ou qualquer outra anormalidade em torno do funcionamento dos serviços básicos do internato (interrupção no fornecimento de energia, problemas de estrutura, entre outros). Esse livro é entregue no dia seguinte ao Coordenador Geral de Assistência ao Educando (CGAE) que toma as devidas providências, quando necessárias. O Coordenador, por sua vez, é a figura central a quem os alunos internos recorrem frente a algum acontecimento, pois tem como sua responsabilidade a função de monitorar a disciplina dos alojamentos, aplicando advertências, sanções e até mesmo o desligando do regime. Há alguns casos previstos no Regulamento Disciplinar do Corpo Discente que podem culminar em desligamento. Este, por sua vez, existe para normatizar o pleno funcionamento da Escola e contempla os direitos, deveres e medidas disciplinares a serem aplicadas aos discentes em geral. Sua existência adota um caráter de regulamentação.

Goffman (1987) faz referência a essa normatização, no entanto, sob sua ótica há uma ruptura com o mundo real do internado:

Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição. (Goffman, 1987, pp.17-18)

Na continuidade do raciocínio, percebemos que essa normatização é visível na realidade dos internatos contemporâneos, em especial os de cunho agrícolas, pois esse conjunto de práticas institucionalizadas exprime normas que visam o favorável funcionamento e organização do espaço.

Existem as “regras da casa”, em conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado. Os processos de admissão, que tiram do novato os seus apoios anteriores, podem ser vistos como a forma de a instituição prepará-lo para começar a viver de acordo com as regras da casa. (Goffman, 1987, p.50).

Todos os alunos, sem exceção, contam com uma equipe pedagógica e psicológica à disposição não só para sanar problemas educacionais, emocionais e disciplinares, mas também para desenvolver trabalhos preventivos. É importante apontarmos que, como toda escola na qual temos a presença de um grande número de alunos, e mais ainda

onde “moram pessoas”, esses espaços também apresentam suas dificuldades. Duas serão salientadas: uma de caráter estrutural (os alojamentos são construções da década de 80 e atualmente encontram-se com inúmeros problemas, necessitando de urgentes intervenções nos sistemas elétrico e hidráulico, entre outros) e outro fruto das frágeis relações interpessoais e infrações. Quanto a esta última, podemos citar a postura indisciplinar, como depredação de patrimônio público, consumo de bebidas alcoólicas e pequenos furtos, estando estes como os mais corriqueiros entre os alunos alojados. Quando a equipe dirigente toma conhecimento de qualquer anormalidade desse tipo, convoca as profissionais de psicologia (lotadas do Setor de Orientação Educacional - SOE), que buscam através do diálogo e acolhimento, analisar o ocorrido, escutando os sujeitos discentes. Às vezes, algumas situações culminam com uma promessa de melhora, outras com advertência, outras com suspensão de regime e, em casos extremos, a perda do regime de internato, estando essas três últimas atreladas às atribuições do Coordenação Geral de Apoio ao Educando (CGAE). Sobre as “frágeis relações interpessoais” temos os desentendimentos entre pares, brincadeiras excessivas, e até *bullying*. Essas situações exigem intervenção imediata por parte da equipe dirigente, pois podem deixar sequelas em suas vítimas, comprometendo não só o seu rendimento escolar, mas também sua estrutura psíquica. Todas essas questões muitas vezes são resolvidas na presença da família, que toma conhecimento imediatamente sobre os fatos que envolvem seu filho. Considera-se que a presença da família na vida acadêmica do discente é um fator imprescindível para o sucesso da relação discente x escola. Diversos autores como Elkin (1968), Dias (1992) e Cunha (1996) enfatizam que a família atua como um agente socializador de valores que o aluno deve trazer consigo, refletindo assim na dinâmica família-escola. No Instituto é explícita a filosofia de que a escola sozinha não consegue desempenhar bem o seu papel sem a presença efetiva da família na vida escolar dos filhos. Em geral, os pais dos alunos, em especial dos internos, são bastante participativos e se fazem presentes sempre que são convocados, facilitando muito os trabalhos de mediação e intervenção.

Os espaços de convivência são lugares bastante frequentados e explorados pelos discentes durante todo o ano, pois possibilitam encontros informais, constituição de grupos de estudo e rodas de conversa, colaborando para o fortalecimento das relações interpessoais dos adolescentes e fortalecendo os vínculos de amizade e de companheirismo. Nesses espaços, os discentes vivenciam de forma significativa a convivência com as mais diversas culturas, construindo conhecimento, apropriando-se de outros mundos e nessas relações de aproximação produzem mudanças significativas, favorecendo a consciência de si e firmando sua própria identidade.

O acontecer da investigação

A análise empreendida procedeu ao levantamento dos trabalhos produzidos nos Programas de Pós-Graduação, procurando averiguar a Educação Agrícola e Internato agrícola como tema central. Encontramos pesquisas de Vicente (2008) e Conceição (2010) que por sua vez, analisam o perfil dos sujeitos que ingressam nestas instituições, as condições de manutenção do mesmo e ainda identificam as relações cotidianas estabelecidas dentro do Internato-escola. O desenho político predominante dos internatos é ainda um fator a ser considerado no levantamento acadêmico, pois retratam a educação brasileira em sua contemporânea configuração, conforme estudos de Morais

(2004), Felipe (2011) e Paiva (2011); Estes, por sua vez, tratam da imperiosa necessidade da existência do internato nas instituições de ensino agrícola tornando este regime um elemento essencial. Estudos de Felipe (2011), Morais (2004), Barroso (2008) e Salvador (2001) analisam ainda a relação entre regime de internato e rendimento acadêmico, discutindo como o sistema de permanência na escola interfere na aderência e no compromisso acadêmico do jovem estudante. Encontramos também algumas pesquisas que promovem um resgate histórico de instituições de ensino agrícola que existem espalhadas pelo país afora, realizando investigações de caráter historiográfico (Cimino, 2013; Soares, 2007;). Sobre compreensão em torno da construção da identidade psicossocial dos alunos em regime de internato do IFPE - *Campus* Vitória de Santo Antão (Morais, 2011) constatamos neste momento da pesquisa a escassez de estudos específicos sobre o tema, o que impossibilita aprofundar discussões a respeito da temática.

Ressaltamos que identidade psicossocial neste contexto pressupõe o contexto social na qual o sujeito está inserido, ou seja, o universo social e psíquico que os alunos constroem no internato, em meio a uma série de elementos típicos: a) pelo regime de internação b) pela dinâmica da convivência com os demais colegas internos; c) pelas relações com os diversos tipos de funcionários que atuam no estabelecimento; d) pela dimensão formativa e acadêmica, escolar e técnico-científica oferecida. É imerso nesse contexto institucional muitas vezes desafiador e dinâmico que o adolescente experimenta uma série de situações particulares que passam a integrar sua biografia. Enfim, na efetivação da nossa pesquisa, participaram da investigação 18 alunos, estudantes do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Integrado ao Ensino Profissional do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – *Campus* Vitória de Santo Antão-PE, sendo divididos em três grupos. O quantitativo de alunos precisou ser estipulado, visto ter sido aplicado o grupo focal, e esta técnica requer um quantitativo reduzido, pois algumas questões trazidas pela técnica exigem “minigrupos” para que sejam abordadas em profundidade. Aplicamos o grupo focal como instrumento de coleta de dados pois utiliza a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo (Kind, 2004, p.125). Essa técnica nos permitiu explorar como os alunos em regime de internato constroem diferentes percepções de realidades sobre uma mesma questão, compreender as ideias compartilhadas a partir da convivência grupal e os modos pelos quais os sujeitos são influenciados pelos demais. O planejamento dos grupos focais foi de extrema importância para que se alcançasse o objetivo proposto. Os grupos foram conduzidos através de guia de temas em consonância com os objetivos da pesquisa.

Na primeira sessão do grupo, o tema a ser investigado foi **mudança de vida**, objetivando compreender como os alunos reagiram à mudança ocasionada pelo ingresso no internato. No caso dos alunos das turmas mais avançadas como é que eles narram as mudanças que teriam sofrido e suas reações num passado não muito distante. Na segunda sessão, abordamos a **separação familiar**, pois se desejava conhecer como o adolescente lidou com a separação familiar (provisória) no ingresso ao internato. A terceira sessão teve como tema a **constituição dos vínculos e redes de sociabilidade no ambiente escolar**, procurando compreender como se processam os novos vínculos de amizade dos adolescentes dentro do novo ambiente escolar e a qualidade dessas redes de sociabilidade. E no último e quarto encontro, **a identidade e projeção de futuro**, objetivando conhecer a identidade do discente, seu projeto de vida e como ele

se enxerga em suas diferentes etapas de vida. A partir de um conjunto amplo de dados obtidos por meio do grupo focal, elegemos dois momentos a serem analisados no escopo da investigação: o tema mudança de vida e a separação familiar. De posse desse material foi realizada a análise qualitativa, procurando transformar dados brutos em descobertas finais. Essa análise dos dados consiste em interpretar os dados obtidos, atribuindo-lhes significados. Para alcançar esse objetivo, tratamos os dados fundamentados na Análise de Conteúdo. Bardin (2010) define a Análise de Conteúdo (AC) como:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens”. (p. 44)

No tema mudança de vida o grupo de sujeitos permitiu que pudéssemos nos aproximar do seu universo social e psíquico a fim de compreender como eles lidaram com a notícia da aprovação para o regime de internato, tornando-se aluno “interno”. Contaram com alegria e incentivo familiar a vinda para a Instituição, pois associaram a conquista à realização de um sonho. Antes do ingresso no internato, os participantes apontaram suas incertezas, pois deixariam para trás todo o seu cotidiano doméstico e escolar para arriscarem o futuro em um universo que desconheciam. Na vivência do seu primeiro dia como aluno interno, muitos sentimentos tomaram conta dos adolescentes, como o saudosismo familiar, o medo e a tensão motivados pelos trotes, e o enfrentamento dos “novos colegas” no alojamento. Afinal, eram desconhecidos entre si. Apontaram que no regime de internato existem elementos negativos frutos dessa convivência, como os furtos, a entrada de alunos estranhos nos alojamentos e a amizade decepcionante com alguns pares. Quanto ao aspecto subjetivo do internato, os relatos citam a experiência de vida, que lhes permite sentirem-se preparados para enfrentar “outros mundos”, aprendendo a lidar com suas limitações e a superarem seus medos, atribuindo às estratégias de enfrentamentos e outros elementos, como a conquista de novos amigos e a construção de laços sociais intensos, marcando para sempre suas vidas.

Em torno do tema ‘separação familiar’, os alunos esboçaram como conseguiram lidar com o sentimento de abandono provisório no internato. Para tal, procuraram superar suas fraquezas, racionalizando a necessidade de vivenciarem os desafios em busca de um futuro promissor. No sistema familiar, os alunos pontuaram os aspectos positivos, a saber: a união, a alegria, a torcida e o amor entre os membros parentais, sendo elementos construtivos que geram nos participantes uma segurança psíquica. Quanto aos pontos negativos, os sujeitos da pesquisa registraram a ausência de liberdade quando estão com seus pais e o alcoolismo do genitor, fator preocupante que desarmoniza seu ambiente familiar. Em se tratando de futuro, os alunos relembrou com nostalgia os momentos superados, as lembranças das experiências e, sobretudo, revelaram que tudo o que viveram ou vivem foi fruto da sua determinação de desejar uma formação educacional que lhes proporcione melhores condições de vida, podendo estender essa melhora aos seus familiares. Percebemos que os sujeitos participantes da pesquisa tornaram-se autores da sua própria esperança.

Destarte, procuramos neste trabalho contextualizar o internato como um instrumento de acesso à educação profissional, pois sua oferta possibilita a permanência de jovens oriundos da zona rural dentro dos muros institucionais na qualidade de interno, porém jamais desconsiderando as pertinentes considerações de Goffman (1987), Foucault (1982, 1984, 2009) e Benelli (2002, 2003, 2004, 2006, 2009) que apresentam os operadores institucionais em funcionamento no internato, produtores de uma realidade psicossocial no contexto do estabelecimento. Para isso, buscamos “promover uma revolução conceitual: dependendo de como vemos determinado objeto, partimos da consideração de sua suposta natureza essencial para a produção de saberes e técnicas para trabalhá-lo”. (Benelli, 2004, p.19).

Considerações finais

Ao propormos esta pesquisa, objetivamos investigar a identidade psicossocial dos alunos do *Campus* Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Pernambuco no regime de internato, abrangendo a mudança de vida e a separação familiar ocasionados pelo ingresso neste regime. Em se tratando de políticas públicas em torno da oferta do regime de internato, percebemos que é imperiosa a necessidade da existência desse regime junto às escolas de cunho agrícolas, pois sem esse instrumento facilitador dificilmente o aluno originário do campo viabilizaria seu estudo que vem contemplado com um saber específico, permitindo-o aplicar em sua comunidade. É interessante observar como transita o conceito de internato em suas diferentes épocas, diferindo como sinônimo de punição e castigo em séculos passados para se tornar sinônimo de ‘privilégio’ já que os contemplados com o mesmo dispõem de vários serviços, como refeições, moradia e, sobretudo, um acompanhamento psicopedagógico humanizado por parte de todos os profissionais que compõem o *Campus*. Um melhor entendimento da realidade que nos circunda permite que possamos atender as demandas geradas de um modo mais adequado, criando estratégias de intervenção neste processo de enfrentamento junto ao público interno, subsidiando diferentes profissionais de instituições de ensino que adotam o regime de internato como opção de permanência, contribuindo com as políticas de ensino agrícola e com a formação de um futuro profissional mais equilibrado emocional e socialmente.

Bibliografia

- Aberastury, A. & Knobel, M.(1981). *Adolescência Normal*. (Suzana Maia Garagoray Ballve, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Abramo, Helena Wendel. (1994). *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.
- Ariès, Philippe (1914/2006). *História Social da Criança e da Família*. (De Dora Flaksman, trad.) 2ª.ed. Rio De Janeiro: LTC.
- Benelli, Sílvio José. (2002, Jul/Dez).O Internato Escolar como Instituição Total: Violência e Subjetividade. *Psicologia em Estudo*. Maringá, V.7, N.2, P. 19-29

- Benelli, Sílvio José. (2003). O Internato Escolar “O Ateneu”: Produção de Subjetividade na Instituição Total, *Psicologia USP*, 4(3), 133-170.
- _____.(2004). A Instituição Total como Agência de Produção de Subjetividade na Sociedade Disciplinar. *Estudos de Psicologia*. Vol.21 Nr..3 Campinas.
- _____.(2006). *Pescadores de Homens: Estudo Psicossocial de um seminário católico*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Unesp.
- _____.(2009). O Convento: Matriz original das Instituições Totalitárias e o surgimento da sociedade disciplinar. *Revista de Psicologia da Unesp*. 8(1), P.48-64. Acessado em 23/03/2011 do <http://www.assis.unesp.br/perfilvertentes/index.php/revista/article/view/120/111>
- Bardin, Laurence (1977/2010). *Análise de Conteúdo*. (Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, trad.). Lisboa: Edições 70.
- Barroso, T. P. B.(2008). *Vida familiar e vida escolar: um estudo de caso sobre a trajetória escolar dos alunos internos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Januária-MG*. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Agronomia. Seropédica, RJ.
- Bock, Ana Mercês B. (2007). A Adolescência Como Construção Social: Estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Abrapee)*, Volume 11, Número 1, P.63-76.
- Calligares, C. (2000). *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Cimino, Marli de Souza Saraiva. (2013). *Iluminar a terra pela inteligência: Trajetória do Aprendizado Agrícola de Barbacena, MG (1910-1933)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013. p. 362.
- Conceição, J. T. (2010). História do internato: ensino agrícola federal (1934-1967). *Revista de História*, 2, 1 (2010), p. 80-99). Acessado em 29.08.2013 do http://www.revistahistoria.ufba.br/2010_1/a06.pdf
- Cunha, M. V. (1996). A Escola renovada e a família desqualificada: do Discurso histórico-sociológico ao Psicologismo na Educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, V. 77, N. 186, P. 318-345.
- Dias, M. L. (1992). *Vivendo em Família: Relação de Afeto e Conflito*. São Paulo: Moderna.
- Domingues, C.M.A.S.& Alvarenga, A.T.(1991). Identidade e Sexualidade no discurso adolescente. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 32-68.
- Erickson, E.(1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Elkin, F. (1968). *A Criança e a Sociedade*. Rio De Janeiro: Block.

- Felipe, Márcia L.F. M (2011). Análise da importância do regime de internato para os alunos do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal do Ceará- Campus Iguatu. *Revista Científica do IFAL*, n. 2, v. 1 – jan./jul.
- Freire, Paulo. (2008). *Educação como prática da liberdade*. 31ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A.
- Foucault, Michel (1982). *A Vontade De Saber*. Rio De Janeiro: Graal.
- _____.(1984). *A Verdade E As Formas Jurídicas*. Rio De Janeiro: PUC.
- _____.(2009). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. (Raquel Ramallete, trad.). 37º Edição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Goffman, Erving. (1987). *Manicômios, prisões e conventos*. (D. M. Leite, trad) 2º. ed. São Paulo: Perspectiva, 319 p.
- Hall, G. Stanley. (1904/1981). *Adolescence: Its psychology and its relation to Ppysiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*. Norwood: Telegraph Books.
- Kind, Luciana (2004). Notas para o trabalho com técnica de Grupos Focais. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, V. 10, N. 15, P.124-136.
- Leontiev, A.(1978). *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Luz, M. (1993). *Relações entre adolescentes e a sociedade: Instituição, violência e disciplina*. Rio de Janeiro: Série Estudos em Saúde Coletiva - IMS/UERJ, 048.
- Melucci, A.(1997). Juventude, Tempos E Movimentos Sociais. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, 5/ 6, 05-14.
- Monteiro, S. (1999). *Aids, Sexualidade e Gênero: A Lógica da proteção entre jovens de um bairro popular carioca*. Tese de Doutorado, Rio De Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/ Fiocruz.
- Morais, Alessandra Xavier (2011). *Identidade psicossocial dos adolescentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Campus Vitória de Santo Antão) em regime de internato*. Seropédica, UFRRJ, 85p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.
- Morais, Normanda Araújo, et al.(2004). Notas sobre a experiência de vida num internato: aspectos positivos e negativos para o desenvolvimento dos internos. *Revista Psicologia em estudo* v.9 n.3 Maringá set./dez. 2004, 9(3): 379-387.
- Musil, R. (1986). *O Jovem Törless*. (L. Luft, trad.) Rio De Janeiro: Rio Gráfica.
- Muss, Rolf E. (1971). *Teorias da adolescência*. Belo Horizonte: Interlivros Ltda.
- Paiva, Maqueli Elizabete. (2011). *Educação Profissional e Assistência Estudantil nos cursos técnicos: um estudo de caso do IFRS- Campus Sertão*. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.

Identidade Psicossocial dos Adolescentes no Regime de Internato na Educação Agrícola

- Pompéia, Raul (1991). *O Ateneu: Crônica de Saudades*. São Paulo: FTD
- Rêgo, José Lins do. (1965). *Doidinho*. 8º Edição. Rio De Janeiro, José Olympio
- _____.(2006). *Menino De Engenho*. 92º Edição. Rio De Janeiro: José Olympio.
- Salvador, Denice. (2011). *Vida acadêmica dos alunos do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio no sistema de internato: percepções e desafios*. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.
- Soares, Lindamar Etelvino.(2007) *Escola Iniciação Agrícola “Gustavo Dutra”:* *O poder disciplinador no contexto do ensino agrícola de Mato Grosso (1947-1956)*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.
- Vasconcelos, Itamar de Abreu. (1980). *A Selva - Um Internato Na Década De 30*. Recife: UFPE, Ed. Universitária.
- Vicente, Magda de Abreu. *Instruir, Regenerar, Vigiar e Punir: O Patronato Agrícola Visconde da Graça (1923-1934)*. Acessado em 10.09.2013 no http://www.uninove.br/Paginas/Mestrado/Educacao/V_Coloquio_anais_.aspx
- Vygotsky, L.S. (1994). *A formação social da mente*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido: 05 de março de 2013.
Aprovado: 11 de setembro de 2013.